

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

15 DE FEVEREIRO DE 1848.

N.º 76

RELAÇÃO DO LEVANTAMENTO QUE HOUVE NAS MINAS GERAES NO ANNO DE 1720, GOVERNANDO O CONDE DE ASSUMAR D. PEDRO D'ALMEIDA.

Vespera de S. Pedro á noite desceu do mórro do Ouro Preto um motim de gente armada, e da parte do Padre Faria se levantou outro, e juntos ambos acometterão a casa do ouvidor geral o doutor Martinho Vieira; e sahindo este da casa, escapou da furia, e da morte. Subindo uns desses amotinadores acima, lhe destruíro tudo o que tinha em casa, lançando das janellas as Ordenações do Reino, os livros da Fazenda Real, e todos os mais papéis pertencentes ao seu ministerio, lendo-se as sentenças e despachos com escarneo e vituperio do ouvidor, cuja vara empunhava um dos amotinadores, clamando ao povo se quizerão que lhes fizesse justiça, que elle alli estava, acompanhando com esta acção algumas vozes e palavras de ignominia contra o dito ministro

Feito este primeiro insulto, começaram a dar vozes dizendo: *viva o povo, viva o povo*, e assim forão augmentando parciaes, dos quaes uns por vontade, e outros á força, e por evitarem os danos de lhes quebrarem as portas e mais extorsões sanguinolentas, que fazião, os seguirão nesses motim. Vierão logo a incorporar-se, e a fazer-se fortes no alto da casa da camara, e igreja de S. Quiteria: e ali elegerão um juiz do povo,

ou cabeça, que fosse seu lingua. No dia seguinte de S. Pedro mandarão um boletim, com uns capitulos ao conde de Assumar, general das Minas, que com prudencia lhes respondeu que se aquietassem, porque elle paternalmente trataria do bem commum do povo, e que algumas cousas que pedião, vinhão resolutas por S. M. nas cartas que recebera da frota: e quanto ás demais, tinha chamado os ouvidores para outros negocios, e de caminho lhes proporia as suas razões, para se tomar o parecer que a todos fosse conveniente.

Nas noites seguintes até 16 de julho parecia toda aquella villa um inferno de nu as desordens, motins, e disturbios causados por uns mascarados, que descião do mórro do Ouro Preto, os quaes de manhã se aquartelavão, vindo abaixo acompanhados de negros e mulatos, arruinando casas, ferindo, espancando, e matando aos que lhe resistião. Os da villa do Ouro Preto tirarão as fazendas das lojas, e as esconderão nos matos com medo dos roubos e insultos que fazião: e com tal perlinacia, que parecião demonios saltos com poder de diffundir a vilta e toda a povoação. No primeiro de julho mandou o conde general a um religioso da companhia de Jesus, dos que

assistião em sua casa, a que intentasse apaziguar o povo, persuadil-o a bem, e lhes mostrasse o inconveniente a que se expunhão com o motim: e que se tinhão algum requerimento que fazer ás ordens de S. M., que o fizessem por modo comedido e usado nos povos, qual é o dos procuradores das camaras. Elles, sem admittirem razão, (deixados outros modos de improprieo com que tratarão a este religioso) o quizerão represar, mettendolhe armas aos peitos. E no mesmo dia despachou o conde general da villa do Ribeirão do Carmo ao tenente general com o perdão, o qual não aceitarão antes insultarão ao tenente, e o quizerão represar.

Continuou o conde general este expediente com paternal prudencia, amor e brandura, despachando ao mestre de campo Domingos Teixeira, que se achava nas Minas, ao qual commetteu que trabalhasse muito, por serviço de Deos. e de S. M., de accomodar o povo, e de o pôr capaz de razão, e não obstante estas diligencias, nem as pessoas que para esse fim mandára, nem se aquietarão com o perdão, nem com os respeitoes se satisfizerão: e movidos na manhã seguinte a brados, que se ouvirão do morro, marcharão para o Ribeirão, tendo na noite antecedente escripto ao conde general a camara de Villa Rica que o povo queria que o dito conde fosse áquella villa, mas que havia de ir só sem acompanhamento, porque o povo se nao irritasse, cuidando que ia a castigal-o. E mandando-lhe dizer o conde general que o esperassem até ás nove horas da manhã, elles antes de romper o dia partirão de Villa Rica para o Ribeirão.

No dia dois deste mez marcharão do Ouro Preto formados ao Ribeirão, trazendo consigo, e obrigando ao seu seguimento os que encontravão, fazendo hor-

rorosa a sua marcha com gritos, alaridos, e vozes de *viva o povo*: e mandando o conde general religiosos e sacerdotes que no alto do Rozario (ermida na entrada do Ribeirão) os detivessem com modo urbano e sem estrepito algum de ira, e meados de guerra, para o que mandou até o Senado da camara desta villa, com o seu pendão arvorado, e acompanhado dos homens bons da terra, não bastou esta brandura e comedimento do conde general para pôr em razão ao povo. Chegaram em fim ao palacio, e ali expuzerão publicamente o seu intento, e ás claras manifestarão a razão do motim, que era não quererem aceitar casa de fundição de quintos, como havia um anno que S. M. a mandara erigir por lei nova, e de que estavam os povos noticiados em todo esse tempo de espera para consumo do ouro em pó, e como tinha sido aceita da por um termo, em que se assignarão todos os homens principaes das Minas: e tambem de não acceptarem casa de moeda, como para allivio do mesmo povo, e por carta da camara do Ribeirão, se havia pedido a S. M.: e á volta destes pontos principaes sahirão com outras petições de tão pouco momento, que bem se via que só os dois, que encontravão as ordens de S. M., era o seu facto todo, e o porque se levantarão.

Concedeu-lhes o conde general o que pedião, por não querer derramar sangue do povo que governava, e lhes mandou publicar perdão em nome de S. M. pelo crime então commettido, do modo e com as circunstancias que elles quizerão, promettendo elles de se aquietarem, e não continuarem no motim. Parecia que aqui devião ficar sepultadas todas as inquietações das Minas: mas como o fim unico deste motim era a rebelião, que intentavão contra o general do soberano, não por outra causa mais que quererem viz

ver sem governador; e ministros de justiça que os governassem, e talvez sem obediência do monarca; pouco a pouco foram descobrindo a sua intenção.

Aos 6 de julho tornarão a amotinar-se, e a pedir que mandasse retirar ao doutor ouvidor geral, e a camara assim o escreveu ao conde general com termos indecentes de ameaças. O conde general o mandou sair da comarca: porém não se contentando com o juiz mais velho por ouvidor, na forma da lei, em auzenoiã do proprietario por elles expulso, pedirão oom novo motim nocturno ao doutor Mosqueira por ouvidor. O conde general, para os aquietar, lhes concedeu provisão para o tal doutor servir de ouvidor: tanta era a paciencia do conde general em soffrer o povo pelos accomodar, ainda prevendo que tudo quanto o novo ouvidor fizesse era nullo e de nenhum vigor, esperando que em melhor tempo a razão os convencesse deste absurdo. Vendo-se o povo como queria em parte, mas não oom tudo quanto queria, declararão de toda a conjuração em expulsar das Minas o conde general, seu governador, para o que se juntava gente dos suburbios desta villa, convidando mais gente das outras povoações; e com voz commum que são depois de um motim geral se aquietarião, e que nas Minas não entraria outro governador, nem justiça postas por S. M. As mais povoações das Minas estavam observando o fim deste levantamento e rebellião do Ouro Preto, para assim se declararem. O perigo actual, alem de grande, fazia mais temeroso e eminente o futuro que se temia de maior consequencia. Os de Villa Rica experimentavam extorsões, assaltos, e insultos grandissimos dos que descião do morro com maldades de homens já facinorosos, uns espancados, outros acometidos em suas casas, a quem roubavão,

e todos clamando por justiça pedião favor ao conde general.

Mandou o conde general prender aos que prudentemente julgou por causa, motivo, e occaziaõ deste motim: e nem com estas prisões se aquietou a rebellião, antes se exasperou mais, e accendeu com maior furia, e já com suspeita evidente de maior ruina nas Minas. No dia 14 de julho foi tão horroroso o motim, que desceu do morro, e com tal impeto, que forão á casa do rm.^o mestre escola vigario da vara do Ouro Preto, e o fizerão levantar da cama, para que lhes abrisse a porta da igreja, suppondo que o restante do povo estava nella, aonde forão, e revolverão com indecencia até os altares. Nesta noite forão maiores as desordens, quebrando as portas e janellas dos moradores, e matando a um homem do mesmo morro, que suppunhão dava os avisos ao conde general.

No dia 15 avisarão ao conde general da insolencia ja declarada desses levantamentos, e do ultimo fim e ruina dessa rebellião: e desabridamente lhe mandarão dizer que tomasse as medidas da ahida, porque certamente o expulsaõ das Minas. Os moradores do Ouro Preto, que se vião já desesperados do que padecião, instavão com supplicas que os fosse o conde general soccorrer, e livrar da oppressão que padecião. Os moradores do Padre Faria, por mais oppostos aos do morro, (e tanto que sempre se oppuzerão ao augmento dessa povoação ou arraial do morro) padecião com mais impaciencia estas insolencias, e com tal desesperação se virão na primeira noite do motim, que quizerão subir ao morro com guerra declarada a se matarem uns aos outros com hostilidades, e destruir todas as casas do morro, chegando de parte a parte a empunhar-se as armas no mesmo acto do tumulto; e succedera grande mor-

tandade pela opposição dos dois partidos, se o reverendo doutor Luiz Ribeiro os não dissuadisse disso, dizendo-lhes que procurassem o remedio para esta oppressão pelo conde general.

Deliberou-se em fim o conde general, carregado de razão, paciencia, prudencia e justiça, partir do Ribeirão aos 16 de julho, dia feliçissimo por ser dia de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Ribeirão, e marchou para Villa Rica acompanhado dos dragões e dos moradores desta villa, e com seus esoravos tambem com armas, para se oppor á rebelião, que com tanta prudencia e paciencia procurava aquietar e entrando em Villa Rica, sabendo de certo que ainda no morro estavam actualmente aquartelados os assassinos, amotinadores e levantados, e que pelos matos vizinhos tinham mettido gente armada, ou para invasão, ou para defenza de sua rebelião (o que certamente executariao se se lhes não impedisse ou atalhasse o intento) tomou o conde general por expediente mandar pôr fogo ás casas dos prinicipaes autores e fautores do motim.

E assim mandou o capitão de dragões João de Almeida de Vasconcellas subir ao morro, destinando-lhe o sargento niór Manoel Gomes da Silva, o capitão Antonio da Costa Gouvêa, e o alferes Balthasar de Sampaio, moradores no morro, para que estes lhe nomeassem as casas dos que publica e notoriamente fossem amotinadores e fautores deste motim, e complices neste delicto, e lhes possessegam o fogo. Chegado o capitão de dragões ao morro com os homens que lhe nomeou o conde general, lhes protestou que de nenhuma maneira encarregassem suas consciencias por odio algum, ou paixão particular, e só lhe signalassem as casas dos conhecidamente autores, fautores, e complices no delicto, o que assim o fi-

zerão. E logo o dito capitão de dragões chegando á casa do mestre de campo Pascoal da Silva Guimarães, mandou entrar um capitão de ordenança, que comigo levava, para que retirasse as imagens e ornamentos do oratorio da dita casa, e mandou entregar tudo o que pertencia ao culto divino ao reverendo vigario da matriz de Antonio Dias, conforme a ordem do conde general: e começando a pôr o fogo, acudirão tres visinhos a se lamentarem, cuidando que a todas as casas se ateava o fogo, ao que acudiu o capitão Antonio da Costa de Gouvêa, e lhes seguiu que o fogo só era para as casas dos conhecidos autores, e que se aquietassem, como fizeraõ alguns, e porisso livraraõ as suas casas.

Mas como no dito morro mineraõ dois mil negros, ou perto de tres mil, vendo aquelle espectaculo de fogo se alteraraõ, e sahindo das covas, em que cavavaõ ouro, cuidando que se punha geralmente o fogo a todas as casas sem distincção, foraõ entrando pelas que se achavaõ desertas, e as roubaraõ e queimaraõ: ao que o capitão João de Almeida não podia acudir; porque não só o fogo e o terreno escabroso o embaraçava, mas era preciso, segundo a ordem do conde general, estar com os seus soldados formados, em quanto se executava a casa de Pascoal da Silva, pelo risco de gente armada que se dizia estar no matto vizinho, para assim evitar o perigo de algum assalto repentino. E passando este capitão a fazer a mesma execucao no Ouro podre, (logar sito no mesmo morro) pôde pôr guardas em uma passagem estreita, para que os negros se não misturassem com os soldados; e isto fez que a execucao se fizesse ali só em uma casa de um culpado, e sem confusão nem ruina dos que o não eraõ.

Até aqui a relação, a qual ainda que

naõ deoçlara os sujeitos que foraõ em socorro do conde general, e os castigos que depois se excoçtaraõ em alguns, que ou eraõ ou se julgaraõ complices no crime da rebelliãõ, que eu deixo, por serem sabidos e fóra do meu intento; com tudo della bem se entende a razaõ porque o padre Belchior de Pontes prohibia a Joaõ da Costa Aranha ohegar no Ribeiraõ, mandando-lhe que vendesse fóra daquelle villa as suas cargas.

(R. Trimensal.)

UM ACTO DE DESESPERAÇÃO.

Quando se fez o tratado de paz de 1814, foraõ postos em liberdade todos os prisioneiros francezes que se achiavaõ a bordo do pontaõ de Kingston, na Irlanda, e no dia immediato ao de sua soltura, quasi todos atravessaraõ o canal de S George, para se transportarem á França. Entre o pequeno numero d'aquelles que naõ manifestaraõ a mesma sollicitude em tornar a ver a patria, Dublin oonservou os nomes dos insignes Celestino e Xavier: eraõ dous orphiãos que, por seu nascimento, pertenciaõ antes ao mar do que á terra, e que, nada tendo em suas lembranças, nem carioias maternas, nem campanario de aldêa, nem esponsalias suspensas pela oonsoripção, acharaõ que Dublin era uma oidade que merecia ser habitada como qualquer outra, e resolverãõ fioar, ao menos provisoriamente, n'esta magnifica e hospitaleira oapital.

Havia alem d'isso uma razaõ maior, que os levava a fundar um modesto estabelecimento em Dublin. Em seu longo captivoiro elles utilisavaõ um talento mui notavel de artistas em fina marcenaria:

tinhaõ feito um muzéu completo, de peças destacadas, representando cada uma algum ponto de vista ao alcance de sua prisãõ fluctante, e certamente o acaso de sua posiçaõ os serviu á medida de sua vontade, porque o trabalho dos homens e da natureza prodigou perspectivas admiraveis entre Kingston e Dublin, até o promontorio de Hewth-Hill.

Julgavaõ os nossos dous marinheiros ter uma fortuna que destruir, mostrando este muséu á capital da Irlanda, e sobretudo provocando a politiõo munificencia de algum rico Lord que comprasse por preço enorme este bello trabalho. Celestino e Xavier naõ tinhaõ um *schelling* na algibeira, mas naõ teriaõ vendido seu muséu por vinte mil libras sterlingas: em seu amor proprio de autores, avaliavaõ seu oapital em quatro vezes, pelo menos, este valor.

Alugaraõ um quarto de sobreloja na praça de *Christ Church*, e afixaraõ este rotulo:

CREAT ATTRACTION!

vinde ver

todas as maravilhas do porto e da oidade de Dublin!

esta flôr da terra, esta perola do mar!

Um schelling por entrada.

Nunca a multidaõ falta ás exhibições em Inglaterra; é um paiz cheio de gente que tem muita satisfaçaõ em trocar um *schelling* por uma emoçaõ de dous minutos: as receitas eraõ magnificas. Celestino e Xavier sonhavaõ sonhos de ouro; em oito dias tinhaõ já em oofre cem libras sterlingas em notas de cinco libras, que saõ as mais pequenas das notas do banco.

Viaõ se millionarios no fim do anno, porque seu plano era oorrer todas as grandes cidades da Inglaterra, e voltar á Franca com uma sege de posta e dous lacaios

Acaso ou odio destruiu em um instante estes bellos projectos.

Um incendio devorou o muséu de Celestino e de Xavier, elles mesmos escaparaõ de perder a vida tentando arrancar ás chammas sua fortuna, desgraçadamente muito combustivel. A moda dos seguros contra o incendio era ainda n'essa epceha quasi desconhecida em Dublin. Demais d'isso, os nossos dous marinheiros naõ se teriaõ lembrado de tomar esta precauçaõ.

Kean e Kemble se confrangeraõ muitissimas vezes de desesperaçãõ ante o publico inglez; mas a pantõnima desolante destes actores foi veicida pelas convulsões dos nossos dous pobres marinheiros. Logo que pôde uma palavra chegar aos labios cadavericos de Celestino, elle exclamou:

— Maldita sorte! (elle era de Marseilha) fomos certamente amaldiçoados nos beiço! Saltamos, no *Oriente*, em Al-boukir; somos pescados e enviados ás galés de Plimouth! bem! Fugimos. Em Trafalgar, mettem-nos a pique com o *Infèrnel*! tornaõ a pescar-nos e a enviar-nos a Kingston! ainda melhor! Remamos dez annos nos batelões, fazemos vinte primores de obra com nossos dedos, eom nossos dentes, e oom ruim madeira avanada: d'esta vez toçamos á fortuna. Eis que o inferno nos envia uma amostra de suas caldeiras e nos queima vivos! Maldicãõ!

Fallando assim ia Celestino atravessando a ponte de Saint-Stephens; debaixo de seus pés ronçava o rio de Liffey, que o derretimento das neves tinha engrossado consideravelmente. O marinheiro lançou u-

ma olhada a prumo sobre as aguas amareladas e correntes e o mesmo olhar fatal se voltou para a cara de Xavier.

— Eu te comprehendo! disse Xavier; somos destinados a perecer na agua doce. Abraemo-nos, e assim seja!

— Condemnado seja eu se reouar! disse Celestino

E saltou sobre o parapeito de *Stephens-Bridge* Xavier deu igual salto. Ambos cruzaraõ fortemente os braços no peito, como para exprimirem a si mesmos a energica resoluçaõ de naõ nadarem como perfectos marinheiros que eraõ, e se precipitaraõ de cabeça para baixo no Liffey.

O grande estrondo que fez esta dupla queda de dous grandes corpos despertou sobresaltada uma matilha de cães da Terra Nova que, havia pouco, tinhaõ ençetado seu serviço na entrada da ponte. Lord O' Calligham, celebre philantropo irlandez, era o fundador deste corpo de guarda de cães salvadores, e n'esse dia precisamente abria a matilha da Terra Nova seus trabalhos de salvamento. Os ageis animaes chegaraõ ao fundo do Liffey ao mesmo tempo que Celestino e Xavier.

Os dous marinheiros se sentiraõ agarrados ás abas das suas casacoas por duas bõas vigorosas; mas como era irrevoçavel o seu projecto de suicidio, lutaraõ com incrível enèrgia contra seus generosos salvadores. Homens e cães subiraõ de subito á superficie das aguas; o rio escumava revolido por estas convulsões de patas, de mãos e de pés. Já dous cães, mais exercitados que os outros em salvar, e mais encarnicados sobre os dous marinheiros, estavaõ a ponte de soffrir a pena de seu zelo, e apenas exhalavaõ da garganta alguns gritos suffocados, semelhantes ao da agonia, porque tinhaõ bebido mais agua lodosa do que é mister a dez christãos para se afogarem, quando Celestino e Xavier, movi-

dos de compaixão a favor d'estes dous pobres animaes agonizantes, os arrastaram consigo a nado para a margem do Liffey, e os salvarão da morte.

Tambem se salvarão a si do mesmo lance, por desouido e sem o quèrereim. A multidão que aouidiu, testemunha d'esta soena, tributou sua admiração aos cães e sua compaixão aos dous marinheiros. O scherif Edmundo Thacker, velho de setenta annos, fez um pequeno discurso segundo a circunstancia aos estrangeiros salvados das aguas, e os conduzio prooesionalmente á igreja oatholicoa de Saint-Patriok.

Celestino e Xavier gozavaõ do beneficio de uma segunda vida: tinhaõ morrido uma vez e resuscitavaõ. Estes dous Lazaros da marinha tinhaõ adquirido em Dublin, sohretudo entre o povo, uma celebridade merecida, por causa de seu suicidio abortado. Esta illustração, conquistada nas aguas do Liffey, era entretanto assaz esteril para elles: não lhes restituia nem o seu bello muséu queimado, nem a grande fortuna que os aguardava no fim de cem exhibições. O scherif tinha-lhes dito: „Trabalhai, meus filhos, ganhai vosso pão, e ainda encontrareis a felicidade. No essencial, o scherif tinha razão. Na idade de trinta annos, em qualquer posição que seja, ha sempre pão no fim de dous braços. Mas Celestino e Xavier se tinhaõ collocado, por um raciocínio falso, fóra do dever commum: soffriaõ e trabalhavaõ desde a idade de dez annos; tinhaõ se enervado na immobilitade indolente do pontaõ; os primores salidos das pontas de seus dedos não tinhaõ podido dar energia alguma a seus muscuõs; este trabalho de bordadura os tinha, pelo contrario, effeminado e tornado improprios ás obras viris. Depois tinhaõ chegado, marchando da conjectura á conjectura, a se persuadir que o incendio do seu muséu não era um successo de acaso, po-

rém sim um crime combinado pela inveja, ou pela vingança, em prejuizo de dous francezes; de maneira que cada homem que passava julgavaõ ver seu incendiario inimigo. Estes dous desgraçados, depois de terem uma vez lançado sua vida no fundo do Liffey, e suppondo não ter mais dever algum que cumprir sobre a terra, nem mais punição alguma humana que recear, combinaraõ um plano infernal contra aquella cidade de Dullin, que os tinha morto pela agua e pelo fogo.

— Escuta, Xavier, dizia Celestino: eu ouvi contar a bordo, na minha infancia, a historia de M. Roux, negociante de Marsella. M. Roux tinha suas razões de queixa dos inglezes, como nós. Era um rico particular que emprestava dinheiro a Luiz XVI e que não sabia o que tinha de seu; teria posto, durante um quarto de hora, cifras adiante da unidade, sem dar a conta de suas riquezas. Tinha uma esquadra de vinte navios mercantes, e não sei quantos corsarios. M. Roux, vendo que Luiz XVI ficava tranquillo, declarou a guerra, elle Roux ao rei da Grã Bretanha. Sua carta que annunciava as hostilidades começava assim: «EU ROUX A GEORGE III. Estava em regra. Roux I começou por fazer muito mal aos inglezes; mas o rei de Hespanha e Luiz XVI intervierão entre as duas potencias belligerantes, e assignou-se o tratado de paz.

— Sei essa historia, disse Xavier, vejamos onde nos deve ella levar.

— Pois não o comprehendes, meu amigo?

— Falla sempre, meu Provençal.

— Pois bem! nós vamos fazer como o meu compatriota Roux I: declaramos a guerra a Dublin.

— Declaremos.

— Temos um antecedente: a nossa posição é melhor que a de Roux I; estamos no coração do nosso inimigo.

— Nas entranhas.

— E si o nosso inimigo nos recusar as contribuições de guerra, fazemos o saltar do mesmo modo que elle nos fez saltar em Abonkir; isto é justo, Xavier, não é assim?

— Celestino, logo á primeira vista eu approvei o teu plano; hon'em, quando n'ó indicaste sem desenvolvimento...

— Eu t'ó desenvolverei, Xavier..

— Para metter tambem alguma cousa, eu reduzo este plano á sua verdadeira expressão, moralisando-o. Tu dizes que alugamos um primeiro andar em *Sakeville-Street* ..

— Sim.

— Bem: embarcamos-nos no navio *Sakeville*, e imos bater-nos contra o navio *Dublin*. Será um combate naval em terra.

E' isso.

— E quando a declaração das hostilidades, Celestino!

— Quando estiverem promptas as nossas baterias... Amanhã.

— Sim, amanhã: estou ancioso por fazer o meu quarto a l.º do de *Sakeville*, fundeado entre duas casas; temo ter o enjô de terra, pois que nunca naveguei no continente. Tu tens o pé terrestre, Celestino?

— Xavier, o homem se habitua a tudo, quando uma vez morreu em sua vida como nós dous. Escuta, tu approvas-te o meu plano, cumpre resumil-o em algumas palavras.

— Com nossas compras feitas paroiamente em diversos pontos de Dublin, temos um barril de polvora ingleza de primeira qualidade; eis a base do nosso negocio. Alugamos um primeiro andar em *Sakeville-Street*, entre a casa do correio e a bella manufactura de Ricardo Shawb; è uma posiçãõ soberba: occupamos o centro do mais rico bairro de Dublin, es-

tamos em estado de incendiar toda a correspondencia da Irlanda, alguns milhões de estofos, e todo *Sakeville-Street* por tabilha, corpo e bens. Na noite de a. manhã, afixamos nos quatro cantos de Dublin um cartaz assim concebido, e dirigido AOS HABITANTES:

„ Os dous marinheiros affogados e salvos do *Liffey* declarãõ guerra á cidade de Dublin.

„ Estaõ morando em *Sakeville-Street*, n.º 27. entre *Post-Office* e a manufactura de Ricardo Shawb.

„ O soalho de seu quarto contêm um barril de duzentas libras de polvora, prompto a fazer explosãõ nos casos seguintes:

„ 1.º Se os homens de políçia fizerem a menor tentativa para entrarem no quarto da polvora.

„ 2.º Si prenderem a um dos dous marinheiros, aquelle que andar passeando em Dublin, quando o outro estiver com o morraõ acceso sobre o barril.

„ 3.º Se não trouxerem aos dous marinheiros todas as cousas necessarias á sua existencia e a seus divertimentos, quando elles ns pedirem:

„ 4.º Se os visinhos se retirarem de suas oasas como para os isolar, e ameaçal-os assim com algum attentado da políçia.

„ 5.º Os dous marinheiros promettem pela honra proteger noite e dia a cidade e as propriedades dos habitantes de Dublin, si os habitantes de Dublin se comportarem beni ácerca de dous infelizes, honrosamente conhecidos na capital da Irlanda.

„ 6.º Um dos dous marinheiros darã todos os dias em Dublin o seu passeio do meio dia ás cinco horas; todos os cidadãos saõ convidados a velarem sobre elles: se ás cinco horas e meia elle se não tiver recolhido, seu camarada deixa cahir o morraõ sobre o barril, e *Sakeville*

salta como o *Oriente* em Aboukir.

„ Assignados, CELESTINO E XAVIER „

Quando suas disposições foraõ tomadas e todas habilmente calculadas, Xavier sahiu no meio da noite com uma centena de copias d'esta proclamação, e a affixou por toda a parte. Ao nascer do sol, o scherif recebeu uma carta dos dous amigos pela qual era convidado a ir immediatamente á casa d'elles, por interesse da cidade de Dublin.

A essa hora, ainda Dublin naõ estava com os olhos bem abertos para ler a proclamação dos dous marinheiros.

O scherif que sabia que esses dous furiosos francezes eraõ incapazes de todas as loucuras, esqueceu seu posto e cedeu ao convite. Foi recebido, no quarto da polvora com grande polidez de convéz. Celestino lhe apresentou uma cadeira e lhe disse:

— Meu honrado scherif, tende a bondade de ler este exemplar da proclamação, que nós affixamos nos quatro cantos de Dublin.

O scherif olhou para Celestino, pegou no papel, poz os olhos, e leu, dando um pulo na cadeira, em cada artigo.

— Honrado scherif, proseguiu Celestino, agora estaes taõ bem informado do nosso negociozinho como nós; resta-me apresentar-vos o nosso palladio: é um paiol de domicilio que ahi está diante de vós, ao nivel do soalho, um pequeno volcão de algibeira... naõ tenhaes medo... nem griteis! ao menor grito, meu scherif, nós saltamos por cima do campanario de Saint-Patrick. Vêde Xavier que aproxima o morraõ... um morraõ que arde sempre, meu scherif; é o fogo de Vesta. As vestaes mudaraõ de sexo unicamente. Que dizeis da idéa, scherif?

O velho magistrado, immovel de surpresa e de susto, olhava para o circulo ameaçador e negro, fortemente firmado no soalho.

Celestino tomou um punhado de grãos de polvora, e apresentando o ao scherif:

— Vê-de, disse, é da qualidade superior; julgae do nosso Vesuvio domestico pela amostra. Levae isso para vossa casa afin de o mandardes analysar por vossos chimicos, os quaes vos dirãõ se é semente de cebola. Agora nós vos restituimos á vossa liberdade, senhor scherif.

O anciao se levantou sem ousar fazer apparecer em seu semblante o menor sentimento que podesse ofender dous inimigos terriveis, e sem pronunciar uma palavra, porque naõ podia fallar senaõ para exigmatizar como digno magistrado, o crime d'estes projectos incendiarios. Celestino e Xavier o conduziraõ até á escada, um obrigando-o a receber a amostra de polvora em uma caixinha, o outro apresentando-lhe o morraõ acceso, como uma sentinella apresenta as armas a seu chefe.

Algumas horas depois era facil ver que a proclamação tinha produzido o seu effeito. Nos arredores do monumento de Nelson e diante do palacio dos correios, a multidão de todos os dias estava reduzida a alguns grupos inquietos. Os officiaes de justiça inundavaõ *Sakeville*, por rein fingindo que nada havia de hostil e de ameaçador em sua attitude. Ao longe, via-se o scherif, que tinha parado fora do alcance da erupção, e que parecia, por seus gestos, recomendar prudencia a seus interlocutores.

Ao meio dia, Celestino, em trajo de marinheiro de naõ, e de tope francez em seu chapéo alcatroado, sahiu afoitamente pela rua de *Sakeville*; e, quando chegou ao meio d'esta rua de uma largura immensa, voltou-se para trocar cortezias com Xavier, que se mostrou um instante na janela, com seu morraõ acceso na maõ.

Celestino caminhou direito ao scherif, e lhe disse:

— A peça está começada, e vai marchando muito bem; Dublin será prudente, e nós seremos gratos.

— Senhor disse o scherif, o serviço do correio soffre muito, as lojas não se abrem em *Sakeville-Street*: vêde, ha inquietação.

— Oh! de que se inquietão honrado scherif? nossas intenções são puras. Devião inquietar-se quando a mão de um criminoso incendiou o nosso muséu e nos reduziu á indigência. Hoje, faça Dublin o seu dever, que tudo irá bem. Eu vou encomendar o nosso almoço no hotel de Greamesh o primeiro hotel do mundo. Desnecessario é dizer-vos, scherif, que, á menor dôr de entranhas, nós vos accusamos de envenenamento, e *Sakville* salta em cem milhões de pedaços. Tudo está previsto, scherif, tudo, mesmo a tentativa de envenenamento.

— Não tenhaes receio, senhor.

— Receio! qual! é Dublin que deve tremer! Receio! estaes zombando de mim? Desde o meu nascimento a bordo do *Ludien*, passo a minha vida a morrer; tenho visto o inferno cinco ou seis vezes differentes, assim como vos estou vendo.

— Porém, senhor, acrescentou o scherif com voz branda e persuasiva, renunciaes a esta abominavel loucura, a...

— Scherif, não acrecenteis mais uma só palavra, ou eu faço um aceno, e nós saltamos por cima das nuvens!

Depois, dirigindo-se á multidão que o rodeava, o maruheiro acrescentou:

— Senhores, ordeno-vos que vos retireis, que tenho precisaõ de ar; deixae-me só.

Em um momento a multidão tinha desaparecido bem como o scherif.

Celestino resentiu um justo sentimento de orgulho ao ver com que facilidade uma de suas palavras lançava a consternação no povo de Dublin. Com passo magestoso encaminhou-se para o hotel de

Greamesh, e pediu com voz maritima e provençal que lhes servissem que almoçar.

Todos os criados de ambos os sexos, com o *land'lord* na frente, acorrerão ás ordens de Celestino; servirão-lhe trinta pratos sobre a mesa, e vinhos do Porto, de sherry e de Claret. Terminado o almoço, elle escolheu entre os pratos intactos, metteu-os n'uma cesta, e, chamando o *land'lord*, lhe disse:

— Senhor, isto é para meu irmão Xavier; é seu almoço. Agora, dae tudo o que deixei a estes grupos de mulheres pobres que assistirão pelas janellas ao meu almoço.

O dispenseiro se inclinou, fazendo um aceno muito expressivo de obediência ás vontades do barril de pólvora visinho, representado pelo maruheiro francez.

Celestino deu o signal convenieionado antes de abrir a porta do quarto volcanico, e Xavier aproximou o morraõ accessõ do barril de pólvora. Celestino torção a fechar a porta com tres voltas, e pôz as provisões sobre uma mesa.

— Aperta-me esta mão, Xavier, disse elle sentando-se: tudo vai bem; a machina está admiravelmente bem montada; Dublin é nosso. Que almoço acabo de devorar em casa de Greamesh! que vinhos! que criados amáveis! Almoça, almoça por teu turno; meu amigo; eu encomendei o nosso jantar para as sete horas...

— E o scherif, o scherif? perguntou Xavier, trinchando um *rumpsteake* de presunto.

— O scherif tem medo, conhece-nos; todo Dublin nos conhece, Xavier; todos sabem que nós somos homens capazes de fazer seguir-se o facto á ameaça. A policia está embaraçada, procura um expediente e nada acha. Quando eu vinha me recolhendo, encontrei com um individuo que se chegou a mim com polidez e me disse: — Em nome de Deus, capitão,

nas vós esqueças de vos recolher às cinco horas. — Que interesse tendes n'isso? perguntelhe. — Eu sou Ricardo Shawb, vosso visinho. — Ah! compreendendo, disse-lhe; pois bem, ficas descansado, que eu serei prudente; mas que Dublin seja também prudente! O senhor Ricardo me respondeu pela prudencia de Dublin.

— Bofé! exclamou Xavier, se Dublin nos vexar, mandal-o-hemos passear à lua.

— Oh! elle bem o sabe. Deveras, estou encantado da vida que se abre diante de nós. E já tenho cem projectos na cabeça. Primeiramente, vou pedir em casamento a filha de Ricardo Shawb, nosso visinho.

— Ah! meu Deus, Celestino!...

— É caso-te a ti também na mesma occasião; dou-te a filha de M. Greamesh, uma ruivá encantadora que tem doze mil libras de dote, cem mil esudos.

— Mas que nos importa o dote, Celestino, pois que estamos aqui presos para toda a vida; como gozar de um dote?

— E quem conhece o futuro? Tomemos sempre o dote se se apresentar. Amanhã peço miss Shawb para mim, e miss Greamesh para ti. . . .

— E se nos recusarem. . . .

— Saltaremos a resposta a tudo. . . só saltaremos uma vez. . . Amanhã mando mobilhar dois quartos nupciaes pelo primeiro armador de Dublin. Teremos duas nupcias soberbas. . .

— Onde?

— Onde? em casa de Greamesh; em magníficos salões Tu serás o primeiro, eu o segundo, porque é preciso que sempre um de nós dois esteja de guarda a este volcão. Consideramos as nossas nupcias toda a alta sociedade de Dublin, dançamos até de manhã, devoramos em um banquete e em um baile cem mil francos. . . .

— E quem pagará?

— Ora, quem? Shawb e Greamesh nossos sogros.

— E' justo, Celestino; mas depois como acabará tudo isto?

— Ah! quem sabe? Talvez não acabará, nem é necessario que acabe; ha de começar todos os dias; tenho até o projecto de fazer com que me nomeem a mim maire de Dublin, e a ti prefeito do departamento da Irlanda. Em quanto não damos um vdo fabuloso á nossa ambição, comecemos pelas cousas faceis: casamentos; quando tivermos filhos, estabelecel-os-hemos vantajosamente nos Tres Reinos.

Esta conversação foi interrompida por um estrondo tumultuoso de musica ingleza que enchia *Sakeville-Street*. Celestino abriu e fegou a porta, sempre com as precauções de costume, e desceu à rua, onde não deixou de encontrar-se com seu visinho Ricardo, que parecia ligar-se a todos os seus movimentos.

— Que é isto? perguntou vivamente Celestino a M. Shawb.

— E' o *festival* de Dublin que vae passando, respondeu polidamente o sr. Ricardo.

— E onde vae este festival endiabrado?

— A *Town-Hall*.

— E que vae fazer em *Town-Hall* esta musica de dançados?

— Vae acompanhar tresentos choristas que cantarão o *Great-God* e a *Creation* de Haendel.

— Senhor Ricardo Shawb ide dizer a esse festiyal que eu gosto da musica, e que quero ouvir o *Great-God* e a *Creation* debaixo de minha janella, alli, esta tarde, antes do pôr do sol.

— Capitão, disse Ricardo, nós vamos fazer o que podermos para vos arranjar isso. . . .

— Como! vós hesitaeis!

— Não, não, nada é tão facil; vou

ver o soherif, e havemos de trazer-vos o festival.

— Celestino tornou a subir ao seu aposento e annunciou a Xavier o concerto da tarde, que aoabava de encomendar ao senhor Ricardo

— Ha de ser um bello triumpho, disse-lhe, se tivermos esse exercito de musicos.

E poz-se á janella para esperar pelo festival.

Uma hora antes do pôr do sol, viu-se apontar na extremidade de *Sakeville M. Shawb* triumphante, que servia de vanguarda ao festival. O exerito de concertantes desfilou por aquella rua, a mais larga de todas as ruas do universo, e se pôz em linha de batalha diante de *Post-Office*. Uma symphonia serviu de introito; oada musico, conforme o uso, tocou a sua aria favorita, com aquellâ nobre independencia que caracteriza o artista inglez. Depois precipitaraõ-se trezentas bocca sobre Haendel, e o dilaceraraõ sem misericordia.

Celestino, do alto de sua janella, agradeceu aos choristas e aos musicos, e, em sua munificencia de rei, ordenou a Greamesh que matasse a sêde do exercito com a fabrica de serveja de Luxton.

Greamesh se inclinou. No entanto, facil era ver que Greamesh se constringeu violentamente para não deixar escapar uma violenta desesperaçãõ

A's nove horas, estando a noite muito sombria por causa de uma trovoadã do começo do verão, não pôde Celestino resistir ao desejo de sair, porém em trajos os mais desconhecidos, para ouvir as conversações que haviãõ a seu respeito nos passeios publicos. Havia muita gente em *Phœnix-Park*. O marinheiro se introduziu tencrosamente nos grupos, e sua curiosidade teve motivo de ficar satisfeita. Não se fallava senãõ do estado de assedio

em que se aoabava Dublin pelos dous marinheiros francezes.

Operarios de Rioardo Shawb, empregados de *Post-Office*, convivas habituados de Greamesh, todos mais immediatamente interessados que os outros cidadãos n'este singular negocio, se faziao notar pela violencia de seus discursos.

— Não é justo, dizia-se n'este grupo, que duas ou tres pessoas ricas paguem por toda a cidade. Só essa loucura do festival tirou mais de duzentas libras da algibeira de M. Greamesh. — Outras vezes diziao: — Se se prolongãõ estas fantazias dos marinheiros, Greamesh e Ricardo ficãõ arruinados em oito dias — E' evidente! — E que quereis que se faça? — Escreveu-se hontem ao governo — Bello recurso! O governo não ha de fazer nada — Mandará tropas. — Oh! elles fazem bem oaso de tropas! — O mais desagradavel é que em Dublin se forma um partido a favor d'esses dous marinheiros. — Um partido? — Sim, os poltres são por elles. Esta noite os musicos, ebrios de cerveja, gritarãõ: *Houra for Celestin!* e era Greamesh quem pagava. . . . Oh! isto não pôde durar

A multidãõ correu para a procissãõ que ia atravessando *Phœnix-Park*, Celestino se voltou e se achou para a oara com o senhor Ricardo.

— Ah! eu não vos deixo, disse-lhe este em voz muito baixa

— Tomai sentido, senhor Ricardo; não façaes o papel de meu anjo da guarda, tomæ sentido!

— Capitãõ, recolhei-vos, recolhei-vos, já é tarde; páde o vosso amigo fazer alguma açãõ desagradavel.

— Ficae descaçado; o meu amigo tem as minhas instrucções. . . A proposito, senhor Ricardo, quero que me deis um conselho; tomæ o meu braço, e conversemos como bons vizinhos.

— Capitão, eu folgarei muito de vos dar um conselho.

— Sim, de caminho, dae-me um conselho.. Eu tenho vontade de me casar; que pensaes d'isto?

— Mas . . . capitão . . . eu penso . . .

— Vós comprehendes, senhor Ricardo, que nós não podemos viver, eu e Xavier, n'este estado de isolamento; temos deveres a preencher para com a sociedade..

— Pois bem, eu penso que, se tendes no coração algum amor de mocidade . . .

— Não, senhor Ricardo, não, todos os nossos amores de mocidade são pobres: hoje temos pretensões; aspiramos a dotes. O bello sexo é magnifico em Dublin; nós já fizemos a nossa escolha

— Ah! disse o senhor Ricardo com voz suffocada, já fizestes uma escolha?

— Duas escolhas . . . Julgaes que as familias consentirão em estabelecer-nos?

— E porque não? respondeu o visinho de Celestino com voz tremula, Não sois vós manebas honrados?

— Assim pensamos.

O senhor Ricardo cahiu em profunda meditação, e depois de alguns momentos de silencio, disse a Celestino:

— Escutae, capitão, vós me pedistes um conselho, eu quero dar-vos um conselho de amigo; concedeis-me licença?

— Dao-a, meu visinho

— Ides preparar-vos uma vida de inferno, acreditae-me: Dublin vos deve uma satisfação, e eu vos ahiango que Dublin vol-a darà. Os principaes habitantes, M. Greamesh, a administração dos correios e eu, faremos um suplicio; de uma só vez vos enriqueceremos e vos poremos no caminho de França, com duzentos mil francos em vossa carteira e com a liberdade.

Celestino parou, e fitou os olhos nos do senhor Ricardo.

— Meu visinho, disse depois de longa

pausa, quando tivermos essa fortuna em nossa carteira, e quando houvermos apagado o nosso morrão, como tólos, seremos enforcados.

— Oh! exclamou o senhor Ricardo, nada temaes: cem dos principaes de Dublin o scherif à sua frente, e eu, juramos sobre a Escriptura sagrada, que nenhuma violencia vos será feita, e que licito vos será ir rever vosso paiz com vossa fortuna e vossa liberdade

— Isto requer reflexão, meu visinho . . . Escutae, temos um termo medio . . . Vós dareis duzentos mil francos ao meu amigo Xavier - o qual partirà, ficando eu em Dublin à espera que elle tenha chegado à França, porêm sempre eu de sentinella ao pé do harril de polvora. Destá maneira, ao menos, fareis um feliz, e só haverá um enforcado.

— Não haverá nenhum

— Aceitae a minha proposição, visinho?

— Aceito.

— Pois bem, tambem eu aceito a vossa. Ide já occupar-vos do negocio.

— Agora mesmo, capitão: o solo está em braza, não ha noite. Ao raiar da aurora, espero-vos em casa de Greamesh

— Adeus, meu visinho.

— Boa noite, capitão; ver-me-heis antes do nascer do sol.

Celestino cahiu d'alli a pouco nos braços de seu amigo, contou-lhe sua entrevista com o visinho, e ambos se puzero a dançar de contentes em roda do voleão.

De madrugada, estavam defronte da casa de Celestino os cem principaes, os duzentos mil francos, o scherif e a Biblia. Xavier desceu, trechou o juramento e as noias do banço, e partiu para Kingston na sege de posta do senhor Ricardo.

Celestino estava guardando o voleão.

Chegando a Calais, Xavier escreveu uma carta ao seu amigo, dizendo-lhe que estava à sua espera, com os olhos fitos na

Mancha. Celestino sahiu afoitamente com a carta de Xavier na mão, e com seu acritão apagado. O povo o acompanhou na estrada de Kingston aos gritos mil vezes repetidos de *Houn for Celestin!*

N'este momento Xavier e Celestino viam no canto mais fértil do departamento des Bouches du Rhône; são membros da sociedade de agricultura, e os primeiros agronomos do Meio dia. Celestino inventou um sementeiro mechanico, e mereceu un a medallia de ouro na ultima exposição

ME'RY.



Uma gazeta de França apresenta as circumstancias as mais interessantes que acompanharão a operação da cataracta feita a um mancebo de vinte annos de idade, e que tinha nascido cego. Julgamos que esta narração interessará a nossos leitores da mesma sorte que nos interessou, e por isso lha offerecemos.

Tendo o cirurgião (Mr. Grant,) assegurado aos paes do joven cego que elle destruiria o obstaculo, que o privava da vista juntarão-se muitas pessoas para serem testemunhas da operação. Todos os espectadores tinhamo prometido guardar silencio se a operação produzisse o desejado effeito, a fim de melhor se observarem os movimentos, que produziriaõ na alma do mancebo as novas sensações, que elle soffresse. A operação surtiõ todo o effeito que se esperava. Quando os olhos do mancebo forão feridos pelos primeiros raios da luz, vio-se em toda a sua pessoa a expressão de um extraordinario transporte; elle pareceu a

ponto de desmaiar de alagria e espanto. O operario estava diante d'elle com seus instrumentos na mão. O mancebo o examinou desde a cabeça até aos pés, elle se examinava a si depois com a mesma attenção, e parecia comparar sua figura com o que elle via. Tudo lhe parecia exactamente semelhante excepto as mãos; porque elle tomava os instrumentos do cirurgião por parte das mãos. Em quanto estava occupado n'este exame, sua mãe, que não podia conter por mais tempo as ternas sensações, de que seu coração estava agitado, se lhe lança ao pescoço, gritando: « Meu filho! Meu caro « filho! » O mancebo reconheceu a voz de sua mãe, e só pôde pronunciar estas palavras: « Sois vós!... E' minha « mãe... e desmaiou. Havia no quarto uma rapariga; com quem o mancebo tinha sido creado, e que, mesmo cego como era, elle amava, e era d'ella amado ternamente. Quando ella o vio sem sentidos, deixou escapar alguns gritos de dôr, que parecêrão reanimar a sensibilidade do mancebo. Voltaudo a si, seus olhos se fixáraõ no objecto amado, cuja voz elle reconhecia. Depois de alguns momentos de silencio: « Que me fizeraõ? » Diz elle: « onde me trouxeraõ? « O que eu sinto em torno de mim é a luz, de que « me falláraõ tantas vezes? O novo « sentimento, que eu soffro é o da vista? Todas as vezes que vós dizeis que « vos alegrais de vêdes uns aos outros, « sois tão felizes, como eu sou agora? « Onde está Thom, que me serve de « guia? Parece-me que agora eu andaria bem sem elle. » Elle quiz dar al-

gure passos; mas, parou, e pareceu aterrado de tudo, o que o cercava. Como a agitação de sua alma era extrema, disserão-lhe que era necessario que elle voltasse por algum tempo ao seu primeiro estado, a fim de dar pouco a pouco a seus olhos a força de supportar gradualmente a impressão da luz; e que era necessario que elle se fosse costumando a vêr por grãos, da mesma maneira que se tinha costumado a andar. Elle se rendeu com muito pezar a estas razões; tiverão-no algum tempo com os olhos cobertos; e n'esta nova cegueira elle se queixava amatadamente de que o tinha enganado: que algum encanto tinha sido empregado para lhe fazer crêr que elle gosava do que se chama luz: elle accrescentava, que as impressões, que lhe tinham ficado n'alma, eraõ taes que enlouqueceria se não lhe restituissem a vista. Outras vezes, elle procurava advinhar os nomes das pessoas, que tinha visto, ou queria contar o que tinha notado; mas, faltavaõ-lhe termos para se exprimir. Finalmente quando julgáraõ que elle estaria em estado de supportar a luz encarregáraõ a sua amada de lhe tirar a venda dos olhos, e de procurar distrahir com seus discursos a impressão mui viva dos objectos. Ella se chegou a elle, e ao tempo que ia desatando a venda, ia com palavras ternas renovando os seus protestos de amor, e mostrando desconfinça de ser abandonada pelo seu amante no seu novo estado. Elle renova todos os seus juramentos; e torna a ver a luz com a mesma perturbação, e encanto. Não podia cansar-se de olhar

para a sua amada: chamava-a tocando-a e lhe pedia que fallasse para se assegurar se era ella, que elle tocava. Tudo o admirava: confundia tudo: o só por grãos chegou a distinguir e conhecer as formas, as cores e as distancias.

 CHARADA.

Sou. Quem ?	1
Macho não.	3
Mulher sim.	

(A.)

Rogamos aos srs. assignantes que ainda não pagarão cousa alguma da sua assignatura; aos que devem dous annos e meio; e áquelles que não saldarão as suas contas quando terminou a remessa das folhas, a bondade de consultarem a relação destas dividas, que, para seu melhor conhecimento, distribuímos avulsa com o n.º 72.

Rogamos igualmente aos srs. assignantes que alli não foram mencionados, e que devem um e dous annos da sua assignatura, o obsequio de mandarem satisfazer a importancia respectiva.

A charada do n.º antecedente exa-
a prime palavra — Campainha.

NA LIVRARIA DE

B. X. P. DE SOUSA,

ESTABELECIDADA NO OURO PRETO,

SUBSCREVE-SE PARA A PUBLICAÇÃO DE

12

COMPOSIÇÕES DE MUSICA

PARA PIANO,

PELO COMMENDADOR

FRANCISCO XAVIER BOMTEMPO

**OFFICIAL MAIOR GRADUADO DA SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS
DA MARINHA.**

As pessoas que subscreverem nesta provincia ficarão com a obra (que já se acha prompta) pelo preço do Rio de Janeiro , isto é, pela quantia de 5:000^{rs.} — toda a collecção, — pagos ao recebimento da mesma ; preço este que depois se augmentará para os que não forem assignantes.